

Capítulo I

Era um dia triste, do tipo que convidava a ficar perto da lareira ouvindo a chuva bater nas vidraças da biblioteca. Um dia para tomar chá com açúcar à luz de velas bruxuleantes, sabendo que a sra. Wrentham não se aventuraria a bater à porta dos vizinhos. Era também o dia seguinte ao funeral do amado pai da srta. Charity Stuart. Ele fora enterrado ao lado da aconchegante casa paroquial que ela chamava de lar nos último cinco anos.

Caso se tratasse de outro pastor e outra igreja, talvez a srta. Charity Stuart não estivesse nesse momento na apinhada carruagem dos correios, vindo de uma cidadezinha da costa sudeste em direção a Londres. Qualquer pessoa poderia ficar com pena das duas filhas solteiras do pastor, mas o reverendo Stuart tinha falecido de um modo que não honrava nem a igreja de Bridgeton nem sua família. Sussurravam-se histórias sobre o pastor que tinha escolhido ignorar as lições dadas no púlpito, mas ninguém conseguira provas, até que ele fora encontrado morto por causa de muita bebida e pecados.

Os mais velhos desejavam limpar Bridgeton de tudo que lembrasse o reverendo Stuart. Mesmo não podendo riscar seu nome da lápide em seu túmulo no canto mais sombrio do cemitério, desejavam um recomeço, e os mais velhos haviam deixado isso claro ao visitarem as irmãs Stuart na noite anterior. Charity Stuart os convidara a sentar na pequena biblioteca da paróquia.

Ela sempre fizera o papel de anfitriã para o pai quando os velhos faziam uma visita em geral para criticar o sr. Stuart sobre os hábitos que não aprovavam. Essas pessoas a consideravam muito tímida e educada, apesar de seus cabelos avermelhados. Charity não se parecia em nada com a teimosa e vivaz Joyce Stuart, sua irmã caçula.

Na noite anterior, o sr. Wheeler não tinha conseguido encontrar nenhum defeito na srta. Charity Stuart enquanto se sentava no surrado sofá da biblioteca. O ambiente recendia aos vários aromas de iguarias que as senhoras da igreja haviam fornecido com tanta generosidade para o velório. As duas jovens irmãs eram modelos de comportamento. O sr. Wheeler estava certo de que a Providência Divina havia protegido as encantadoras filhas dos pecados de seu pai. Nenhuma das duas senhoritas Stuart alterara a agradável personalidade devido aos comentários a respeito da morte do pai, que, se os boatos eram verdadeiros, fora assassinado na porta de um bordel no litoral.

Aceitando uma xícara de chá das mãos de Charity, o sr. Wheeler disse: — Pedimos desculpas por nossa intrusão em seu momento de tristeza, mas o conselho da Igreja precisa saber quais são os seus planos.

— Ainda pensamos muito em nosso futuro. — A voz de Charity era doce como seu semblante, e ela mantinha os olhos baixos. — Só gostaríamos que papai tivesse um funeral digno no pátio da igreja que tanto amou.

Ninguém disse nada. Não desconfiavam de que ela não era tola, e que sabia por que estavam ali logo depois do falecimento do pai.

Ela apertou a asa da xícara de chá. Durante cinco anos trabalhara para manter a estabilidade na paróquia. Fizera bolos e tortas para os jantares da igreja, supervisionara as crianças no coral natalino, e sua irmã Joyce recebera a atenção de inúmeros admiradores por ser muito bonita. Charity não tinha admiradores. Enquanto isso, seu pai se envolvera em projetos dos quais nunca falava, e que, segundo histórias que circulavam pela região, pareciam ter sido inconfessáveis.

Charity assumira a responsabilidade de cuidar do pai e da irmã, proporcionando-lhes um bom lar. Angariara a simpatia de todos por tomar conta de vários pequenos projetos da igreja, mas agora pretendia ampliar seu mundo para além do vilarejo.

Enquanto a irmã se remexia com desconforto na poltrona, Charity suspirara. Joyce era o motivo para escapar da sufocante Bridgeton. Sua irmã caçula era uma beldade de cabelos negros cuja simpatia natural sempre havia atraído uma coleção de pretendentes, até na igreja. Nessa mesma tarde, uma mensagem, ou mais precisamente, uma ordem, viera de sua tia-avó solteirona, tia de sua mãe, lady Eloise Anthony. Lady Eloise insistia para que viessem para sua casa em Grosvenor Square, em Londres.

Charity esperava que ela e a irmã encontrassem ali um refúgio, ou até mesmo um lar. Lady Eloise insinuara que estaria disposta a patrocinar Joyce como debutante na próxima temporada social, e essa era a melhor notícia que Charity poderia receber. Por certo, em Londres Joyce teria uma nova coleção de pretendentes.

Quanto a si própria, não aspirava a tanto; com quase vinte e seis anos, já era solteirona. No passado, sonhara com um casamento maravilhoso, mas seu sonho havia ruído um pouco antes de ir morar com o pai e Joyce em Bridgeton. Ninguém em Bridgeton sabia sobre o vergonhoso incidente em sua vida, e ela nunca havia contado. Se Joyce encontrasse o marido certo, talvez Charity pudesse ir morar com ela. Um homem apaixonado não negaria à noiva a companhia da irmã.

— Srta. Charity — começou a falar o mais velho do anciões, fazendo-a prestar atenção na conversa. — Sabe que o reverendo Tristan no último

ano vem se interessando por esta paróquia.

Oferecendo um prato com bolo para o homem, Charity replicou com delicadeza:

— Fique tranquilo, sr. Wheeler. Asseguro de que deixaremos a paróquia no prazo estipulado. Têm muita sorte de conseguir os serviços de um pároco tão respeitado.

De novo os anciões com seus paletós pretos trocaram olhares enquanto Charity sufocava as lágrimas. Nenhum deles lhe dera condolências sinceras, além dos pêsames de praxe. Fosse lá qual fosse a vida que seu pai tivesse levado, e apesar das circunstâncias a respeito de sua morte, teria sido mais humano se oferecessem um pouco de solidariedade.

— Srta. Charity — resmungou o sr. Wheeler —, o novo pároco espera se mudar para a paróquia até o final da semana para poder preparar o sermão do próximo sábado.

— Então temos só três dias! — exclamou Joyce com voz mortificada. — O senhor está nos expulsando?

Charity apertou o braço da irmã para acalmá-la; precisava ensinar Joyce a pensar antes de falar, se queria fazer sucesso em Londres. Por mais que fosse bonita, Joyce tinha de se esforçar para ser mais comedida. Tinha de aprender a ser menos impetuosa. Charity soube que era hora de começar a lição.

— O sr. Wheeler não quis dizer isso, Joyce — falou, colocando a bandeja com bolos sobre a mesinha. — Mesmo assim, partiremos amanhã, assim que fizermos as malas.

— Vocês têm um lugar para ir?

Charity sorriu diante da pergunta amável do sr. Dumont. Quando explicou rapidamente sobre o convite da tia, os senhores relaxaram.

Sem dúvida estavam constrangidos, porque até mesmo as pobres filhas do sr. Stuart mereciam um pouco de consideração.

Maldito sr. Stuart!

Quantas vezes ela ouvira essas palavras cruéis lançadas contra seu pai?

Retornando ao presente, Charity apertou as mãos sobre o regaço, enquanto balançava no coche pela estrada que levava a Londres, seu livro de sonetos favorito aberto e não lido. Estava aliviada porque as despedidas tinham sido tranquilas. Ela mantivera o autocontrole durante o atribulado funeral enquanto a irmã soluçava sem pejo, e se esforçara para não fraquejar no momento de deixar Bridgeton.

Um novo capítulo de sua vida estava para começar, e ela esperava que fosse mais feliz do que os últimos tempos em Bridgeton. Ela partira de luto; era natural que se sentisse melancólica.

Suspirou, ansiosa para esticar as pernas. O coche parou diante de uma

hospedaria tão lúgubre quanto o tempo. Uma tabuleta sobre a porta dizia ser a Estalagem King's Heart. O desenho de uma espada que trespassava o coração de um soberano anônimo também não oferecia uma alegre acolhida.

Antes que o cocheiro abrisse a portinhola, Joyce exclamou:

— Oh, Charity, veja a neblina! Estarei um trapo quando chegarmos em Londres. Cada pluma do meu chapéu terá murchado.

Charity ignorou a irmã com a prática de anos de convivência, porque as choramingas de Joyce, que encantavam seus admiradores, às vezes a deixavam insensível. Não havia como mudar o clima e, para falar a verdade, Charity achava o chapéu da irmã já bastante ridículo com aquele monte de plumas, mas manteve esses pensamentos para si mesma.

Querido papai...

Charity não conseguia acreditar nos mexericos que corriam pelo vilarejo. Ele fora uma alma doce, um modelo de pai dedicado, um viúvo saudoso depois de muitos anos sem a esposa, e um pastor caridoso que se preocupava com seu rebanho de paroquianos. *Quando estava em casa*, acrescentou uma vozinha indesejável em seu íntimo. O pensamento inquietante a tinha perturbado o dia todo, mas não podia admitir que seu pai tivesse sido um devasso como os velhos senhores o rotulavam. Ela precisava descobrir a verdade. Suspirou. No momento, seria impossível. A verdade estava enterrada no fundo da terra junto ao coração silencioso de seu pai.

O pátio da hospedaria vibrava de atividade quando elas desceram do coche para o chão enlameado. Dando o braço à irmã, Charity empurrou Joyce para o portão. Ela esperava que o interior do estabelecimento estivesse em melhores condições do que aquele pátio sujo. Cocheiros gritavam obscenidades que a deixavam corada. Não estava desacostumada àquele tipo de linguagem, pois seu pai acreditava que até um pastor podia praguejar, contanto que não usasse o santo nome do Senhor em vão. Porém, a exaustão após um longo dia de viagem no coche a fragilizara.

O interior da estalagem era surpreendentemente asseado. Apesar de simples, as tábuas largas no chão do vestibulo estavam sendo polidas por uma moça, quando entraram. A criada sorriu para os recém-chegados, mesmo que enlameassem mais o assoalho com seus sapatos. Havia um banco na base de uma escadaria que subia em curva entre duas portas. Uma estava fechada, mas a outra se abria para um salão onde Charity pôde ver meia dúzia de pessoas; deduziu que se tratava da sala de refeições.

Um homem pálido veio recebê-las. Sua magreza era uma péssima propaganda para a comida servida ali, e Charity desconfiou de que não ficaria satisfeita.

— Boa noite — murmurou o homem.

— Boa noite — respondeu ela. — Se pudesse nos mostrar nossas acomodações...

Charity ficou pasma quando o homem a interrompeu secamente:

— Não estão prontas.

— Mas, senhor...

— O gato caçou um rato lá esta tarde. Os restos do rato ainda precisam ser retirados.

Charity estremeceu e assentiu com um gesto de cabeça. Assentiu de novo quando o homem anunciou que o jantar já estava sendo servido.

— Então, por favor, nos leve até nossas mesas.

— Por aqui — disse ele com um indiferente erguer de ombros.

— Mas, senhor — protestou Charity —, está nos levando para o refeitório comum.

— Depois que comerem, poderão se sentar em uma saleta onde a lareira já foi acesa — retrucou ele, apontando para a porta fechada. — O jantar é comunitário.

Joyce ajeitou as mechas abundantes de cabelos e disse com voz frágil:

— Estou morrendo de fome, Charity. Não tenho mais forças para andar muito.

— Então comeremos assim que o estalajadeiro nos servir — respondeu, dando um tapinha amigável no ombro trêmulo da irmã.

Charity se consolou, refletindo que só teriam de desfazer a pequena valise de mão com a roupa de cama e as poucas lembranças que não quisera deixar para trás na paróquia. O grande baú, que seria levado para seu quarto e depois colocado no próximo coche na manhã seguinte, não precisava ser aberto. Enquanto comiam, seu quarto iria se aquecendo com o calor da lareira.

Esfregou os braços sob as mangas curtas. O vestido preto de merino não era grosso o suficiente para afastar o frio. As duas irmãs precisariam dormir encolhidas e abraçadas naquela noite para se aquecerem, naquele final do inverno que fora o pior dos últimos anos. Charity ansiava pela primavera.

Ouviu Joyce suspirar de cansaço; a jovem chorara muito desde que o corpo do pai fora entregue às filhas. Embora Charity desejasse ralhá-la com ela e pedir que parasse de ser chorona, nada dissera. A irmã não sabia conter a tristeza, e ela tentava compreender.

Quando as duas entraram no salão comum, as conversas cessaram. Charity percebeu o motivo quando viu que, com exceção das criadas, ela e Joyce eram as únicas mulheres presentes. Constrangida, abriu caminho entre as mesas.

— Charity, eu...

Ela fez a irmã se calar. Deviam manter o máximo da discrição para

que nenhum homem julgasse que desejavam fazer amizade. Encontrando uma mesa vazia perto da lareira, ela se sentou de costas para o fogo que se elevava no ar e produzia fuligem nas paredes.

Tinha escolhido a mesa errada, refletiu Charity, quando percebeu que um homem de cabelos escuros as fitava intensamente do outro lado do salão. Os olhos dele brilharam de modo divertido antes que ela pudesse desviar o rosto. O desconhecido estava na companhia de outro homem de cabelos castanhos e com aparência mais comum. Porém ambos pareciam muito interessados nela e Joyce. Charity baixou os olhos, desejando não parecer convidativa.

— O que houve? — perguntou Joyce enquanto afastava migalhas de pão da mesa tosca.

Fez uma careta quando as viu cair sobre a valise de Charity e inclinou-se para limpar o couro gasto.

— Acho este lugar constrangedor. Não me sinto bem com estranhos.

Charity receava que Joyce ficasse curiosa a respeito dos homens e se virasse para fitá-los. Mas a caçula disse no tom de voz alegre e musical que a irmã não ouvia havia dias:

— Charity, você é a eterna pessimista desconfiada. O que esperava encontrar em uma estalagem além de estranhos?

— Em Bridgeton, todos eram conhecidos.

— Estou feliz por estarmos livres deles!

— Joyce!

A caçula moveu um dedo junto ao nariz da irmã.

— Não me critique quando sente a mesma coisa. Depois de tudo que disseram sobre papai, não entendo como pôde ser tão gentil com aquela gente horrorosa.

— Que eu me lembre, você nada disse de amável — retrucou Charity. — E precisávamos deixar uma boa impressão ao sair de lá.

Em geral, a alegria de Joyce iluminava qualquer conversa. Porém ela ficara sentada em silêncio como o retrato em miniatura de sua mãe sobre o mantel da lareira da casa.

Charity quis dizer mais alguma coisa, mas o jantar chegou nesse instante. Bastou um gole para sentir que o vinho era amargo e impossível de beber. A carne do ensopado era dura como sola de sapato. Entretanto, a fome e uma pitada generosa de sal ajudaram a tornar a comida tolerável.

— Acha que lady Eloise irá nos apresentar logo para pessoas importantes? — perguntou Joyce enquanto misturava o molho na carne gordurosa.

— Entendo tanto sobre a alta sociedade quanto você.

— Pensei que mamãe tivesse conversado com você a esse respeito.

Ouvindo o tom melancólico da irmã, Charity lutou contra a dor.

Joyce não passava de um bebê quando a mãe falecera, e as suas próprias lembranças começavam a se diluir com o tempo.

Fechando os olhos, disse a si mesma que agora seus pais estavam juntos no Paraíso, e que seu amor, que desencadeara a fúria da família da mãe, fora forte o suficiente para sobreviver à morte. Precisava pensar sempre assim, e não na angústia por tê-los perdido.

— Charity?

O chamado de Joyce a fez retornar ao momento presente, e ela respondeu sem erguer os olhos da mesa:

— Não me recordo de mamãe ter comentado a respeito da temporada social. — Não deixaria que Joyce visse suas lágrimas. Precisava continuar sendo a mais forte, como sempre fora.

A voz da mãe ecoou em sua mente, seguida pela do pai:

Tome conta de sua irmãzinha, Não deixe Joyce se meter em problemas.

— Será glorioso! — exclamou Joyce com o olhar distante e sonhador. — Pense bem, Charity... Lindos vestidos, músicas maravilhosas, admiradores ansiosos. Lady Eloise nos prometeu tudo isso. Estou tão feliz que vamos para Londres desfrutar tudo que nos espera lá.

— Eu...

Charity se esqueceu do que ia responder quando seu olhar foi de novo aprisionado pelos olhos azuis do outro lado do salão. O desconhecido fez um cumprimento zombeteiro, erguendo a caneca de cerveja em sua direção. O fogo da lareira produzia sombras em seu rosto. Aquele homem a estava tratando como se ela fosse uma mulher qualquer.

Engolindo a raiva junto com o ensopado duro, Charity disse:

— Joyce, acabe logo de jantar. Estou cansada e quero me recolher.

— Talvez nosso quarto ainda não esteja pronto — observou a irmã.

— Então iremos para a saleta particular que o estalajadeiro nos ofereceu.

Qualquer coisa, pensou Charity, para fugir daquele homem bonito e ousado cujo olhar a constrangia.

Assim que Joyce terminou de comer, Charity pegou a pequena valise e atravessou o salão. Não conseguiu ignorar os olhares que as seguiam, mas fez de conta que nada percebia. Por certo seu quarto logo estaria pronto, e as duas encontrariam refúgio ali.

Passando o braço pelo da irmã, ela sorriu. Não permitiria que aquela corja de mal-educados arruinasse sua aventura de viajar a Londres para encontrar a tia. Da valise retirou um livro já muito folheado.

— Joyce, estou com meu livro de poesias, e poderemos ler uma para a outra até a hora de dormir. Como fazíamos em casa.

Os enormes olhos castanhos de Joyce se embaçaram de lágrimas.

— Gostaria de voltar para casa e continuar como vivíamos perto de

papai.

— Nada dura para sempre — Charity tratou de acrescentar ao ver uma lágrima rolando pela face da irmã. — Mas estamos a caminho do nosso novo lar. E o mais importante, estaremos juntas, Joyce.

— Por quanto tempo?

— O tempo que for necessário para você encontrar um marido. — Apertou o nariz da irmã de brincadeira. — E isso vai demorar uma eternidade se você aparecer em Londres com o rosto inchado de chorar. Nenhum cavalheiro vai querer uma noiva com olhos vermelhos.

Joyce riu, e Charity precisou rir também. Iria tomar conta da irmã e providenciar para que um bom homem cuidasse dela no futuro.

Com toda certeza, assim que chegassem a Londres, Joyce resgataria seu costumeiro bom humor, embora duvidasse de que algum dia as duas se recuperassem inteiramente pela morte do pai.

Nunca mais haveria outro Clarence Stuart. Ele possuía um charme especial, que conquistara o coração de sua mãe e fizera com que uma paróquia inteira acreditasse que era tão angelical quanto a expressão de seu olhar. Entretanto, a congregação com o tempo se convencera de que o pastor não era nenhum santo. Não que seu pai fosse mau. Não, jamais cometera uma maldade, porém suas constantes ausências haviam convencido o vilarejo de que se afastara do bom caminho.

O sorriso de Charity esmoreceu quando ela abriu a porta e olhou para dentro da saleta que o dono da hospedaria lhes tinha emprestado enquanto aguardavam pelo quarto. O odor de fumaça se desprendia das paredes brancas e do chão de pedra. Acima, os caibros no teto estavam manchados pela umidade.

Era um aposento horrível, com apenas um banco em frente à lareira, porém o fogo crepitava alegremente, e ali estava mais quente que no salão.

Joyce se deixou cair sobre o banco duro.

— Espero que nosso quarto lá em cima seja mais confortável que isto aqui.

— Será apenas por uma noite. Amanhã estaremos com lady Eloise em Grosvenor Square, e sem dúvida sua casa é mais luxuosa do que podemos imaginar.

Olhando para a janela, recuou ao ver a chuva fustigar as vidraças com fúria renovada. Sentou-se ao lado da irmã. Um estremecimento a percorreu, e ela olhou por sobre o ombro na direção da porta.

— O que foi? — perguntou Joyce.

— Eu pensei...

Charity mordeu o lábio. Joyce iria rir dela se dissesse que sentira que alguém as observava. Não havia ninguém à porta.

— Pensou o quê?

Charity balançou a cabeça.

— Não foi nada.

— Você está tremendo... Está com frio?

Satisfeita por achar uma desculpa para encobrir os pensamentos sombrios que sem dúvida eram provocados pela falta de sono, Charity sorriu.

— Sim. Acho que vou pegar meu xale no baú.

— Tolice — murmurou Joyce. — Deixe que eu vou. Estou cansada, mas você deve estar muito mais, porque tomou conta de todos os detalhes do funeral de papai, e eu quase não ajudei. É boa demais comigo.

— Deve estar muito cansada também, porque está dizendo bobagens, Joyce. Somos irmãs. Devemos tomar conta uma da outra.

— E agora é a minha vez de tomar conta de você — retrucou a outra, já de pé e dando um tapinha amigável no ombro de Charity. — Vou pegar meu xale também.

Charity sorriu. Sua irmã a fazia lembrar um gatinho ansioso para brincar e agradar. Encostou-se no banco duro, vendo Joyce sair da saleta. A natureza gentil e simpática da caçula sem dúvida cativaria muitos corações durante os bailes da temporada social.

Assim pensando, ela cruzou as mãos no regaço e fitou as chamas azuladas na lareira. Querida Joyce... Nada sabia sobre os corações masculinos, apesar de já ter tido vários admiradores. Ela precisava vigiar Joyce de perto para que não se magoasse como ela se magoara no passado.

Afastando o pensamento, abriu o livro de poesias que fora de sua mãe. As letras pareceram dançar diante dos seus olhos. Não iria chorar logo agora, quando seu futuro estava ainda tão incerto. Sem dúvida iria se sentir mais segura quando chegassem a Londres para ficar na companhia da mais idosa parente de sua mãe. Então tudo estaria bem. Rezou para que assim fosse, porém algo a fazia temer que suas esperanças estivessem tão mortas quanto seu pai.